
SABER E FÉ
10

Aviso importante!

Esta matéria é uma propriedade intelectual de uso exclusivo e particular do aluno da Saber e Fé, sendo proibida a reprodução total ou parcial deste conteúdo, exceto em breves citações com a indicação da fonte.

COPYRIGHT © 2015 - TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - SABER E FÉ

10

DOUTRINA DO PECADO

GILSON PEREIRA BARBOSA



Versão da matéria: 1.0

Nossas matérias são constantemente atualizadas com melhorias e/ou possíveis correções.
Para verificar se existe uma nova versão para esta matéria e saber quais foram as alterações realizadas acesse o link abaixo.

www.saberefe.com/area-do-aluno/versoes

Sumário

03 ▶ Introdução

05 ▶ Capítulo 1 ▼ A natureza do pecado

05 ◘ Definição

08 ◘ Conceito etimológico

09 ▶ Capítulo 2 ▼ A origem do pecado

09 ◘ Gnosticismo

09 ◘ Ateísmo

10 ◘ Hedonismo

10 ◘ Evolucionismo

10 ◘ A origem do pecado sob o ponto de vista bíblico

12 ◘ O pecado na era dos pais apostólicos

14 ▶ Capítulo 3 ▼ A universalidade do pecado

14 ◘ Culpa herdada no Antigo Testamento

15 ◘ Culpa herdada no Novo Testamento

15 ◘ Herança pecaminosa

16 ◘ O livre arbítrio

18 ▶ Capítulo 4 ▼ O pecado original

19 ◘ Pelagianismo

19 ◘ Arminianismo

20 ◘ Calvinismo

22 ▶ Capítulo 5 ▼ O pecado imperdoável

22 ◘ Distinguindo o pecado

24 ◘ Analisando 1João 5.16,17

24 ◘ Graus de pecado

29 ▶ Capítulo 6 ▼ O cristão e o pecado

30 ◘ Quando o cristão peca ele alcança perdão

30 ◘ Quando o cristão peca a comunhão com Deus é prejudicada

31 ◘ Os cristãos nominais

32 ▶ Capítulo 7 ▼ As consequências do pecado

32 ◘ A culpa

33 ◘ Separação de Deus

33 ◘ Morte física

34 ◘ Morte espiritual

35 ◘ Morte eterna

36 ▶ Conclusão

37 ▶ Apêndice - A doutrina do pecado nas seitas

37 ◘ Seicho-No-Ie

37 ◘ Igreja Local

37 ◘ Espiritismo kardecista

38 ◘ Islamismo

38 ◘ Meninos de Deus

38 ◘ Ciência Cristã

38 ◘ Judaísmo

39 ▶ Referências bibliográficas

▼ Introdução

O Jornal *Folha de São Paulo*, de 14 de abril de 2004, anunciou na sessão *Opinião* sob o título "País violento" que "a morte é inevitável. É a única certeza na vida de cada ser humano". Entretanto, diferentemente, sabemos que existe uma outra certeza que deveria acompanhar todo ser humano e que inclusive é causa de sua morte, isto é, o fato de que ele é pecador por natureza. Entre tantas indagações e perguntas que as pessoas fazem no âmbito religioso, uma, sem dúvida, goza de mais assédio: "O que é pecado?"

Discutir a doutrina do pecado não é tarefa fácil, principalmente nos dias atuais. O pecado é para muitos uma ideia pouco familiar. Ninguém, a não ser os interessados no assunto (que são poucos) discutem esta questão. O pecado parece causar um sentimento de violação contra a lei ou a moral divina, e esta sensação resulta em culpa. E culpa é algo que a minoria quer sentir. No entanto, para o cristão, e especialmente para o estudante de teologia, é imprescindível conhecer e compreender esta doutrina. Em suma diríamos que é impossível negar o fato de que o pecado é uma realidade, assim como a morte. A doutrina do pecado é tão importante que o teólogo A.B. Langston, em sua obra *Teologia Sistemática*, afirmou que "errar, portanto, na doutrina do pecado, é errar também na doutrina da salvação. Um exemplo: pessoas há que julguem que o pecado é devido ao meio em que o homem vive; logo, melhorando o meio o pecado desaparece".

Os filósofos com todas as suas teorias e suas escolas não puderam definir o que é pecado. As religiões e as seitas de certa forma apresentam conflitos acerca desta doutrina. Onde estaria a resposta? Acreditamos piamente que a teologia, se amparada pela Bíblia Sagrada, oferecerá a resposta divina concernente a este assunto. Descobrir a causa das inquietações, das violências, das guerras, da miséria e tantas outras calamidades é a insaciável busca não resolvida e interminável dos estudiosos no assunto. Tudo isso tem culminado para um ponto de nostalgia entre os seres humanos. No entanto, o profeta Jeremias, de forma simples e objetiva, respondeu o porquê das inquietações humanas quando bradou: "De que se queixa, pois, o homem vivente? Queixe-se cada um dos seus pecados" (Lm 3.39).

Ignorar a realidade do pecado em toda a sua abrangência é "dar murros em ponta de faca", pois aceitemos ou não, ainda que ele esteja numa esfera metafísica e seja estranho ao ser humano, o seu efeito na vida das pessoas e na vivência social, marginalizando e escravizando o ser que Deus criou para a sua glória, atesta a sua veracidade e realidade.

Quando Deus acabou a criação, a Bíblia relata que: "... viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era *muito bom*; e foi a tarde e a manhã, o dia sexto". Tudo era harmonia entre Deus e sua criação, quando apareceu Satanás para deformar e ofuscar a comunhão de Deus com o homem. Contudo, o primeiro ato de Deus após o ser humano transgredir o mandamento divino foi ir em busca do homem: "E chamou o Senhor Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás?" (Gn 3.9).

Passamos, a partir dos próximos capítulos, a discutir a questão do pecado por diversos ângulos. O primeiro ponto será definir a natureza do pecado.

Capítulo 1

▼ A natureza do pecado

"O pecado é um desafio à justiça de Deus, um roubo à sua misericórdia, uma zombaria de sua paciência, um desprezo ao seu poder e um desdém ao seu amor" (John Bunyan).

O profeta Isaías, no capítulo 59.2 ,apresenta aos hebreus um defeito na comunicação vertical entre estes e Deus: "Mas as vossas *iniquidades* fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos *pecados* encobrem o seu rosto de vós, para que não vos ouça".

A narrativa da raça humana é apresentada na Bíblia Sagrada basicamente como o homem num estado de desobediência e rebelião contra o seu criador, e Deus estabelecendo seu plano para a remissão do homem.

◘ Definição

Podemos dizer *a priori* que o pecado é um estado mau da alma e/ou da personalidade. O pecado não é meramente um ato errado praticado isoladamente, não é algo apenas concreto e externo, mas é algo inerente e interiormente fixado na alma do ser humano. Sendo assim, não é só porque determinada pessoa é qualificada como "boa, de caráter, de moral, etc..." que está isenta de pecar. Independente das qualidades do ser humano em si, a Palavra de Deus afirma que *todos* pecaram: "Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (Rm 3.23).

As pessoas, em geral, pensam no pecado somente como atos individuais tais como: roubar, matar, adulterar, mentir. No entanto, pecado é muito mais que isso. Vejamos:

■ **Pecado é uma tendência interior**

Não podemos declarar que o pecado seja apenas um ato errado conforme dito anteriormente. Pecado é a disposição que o ser humano, interiormente, tem para a prática destes atos. Ninguém mata, rouba, adultera, sem antes dispor de inclinações para a prática do pecado. Antes que o indivíduo assassine alguém, ele alimenta a ira, o ódio, a vingança. Antes que aconteça o adultério, a cobiça, a sensualidade, a imoralidade se instala no coração humano. As ações, os atos, não são mais importantes que os motivos, os desejos. Jesus não condenou apenas o homicídio e o adultério (Mt 5.21,27), mas também condenou a ira e a cobiça (Mt 5.22,28). Logo, não pecamos pelo simples fato de o pecado ser inevitável, mas, porque a nossa natureza corrompida nos compele a tal prática: eis aí a causa do pecado.

Mas como poderia então o homem obedecer ao mandamento bíblico explicitado em 1Pedro 1.15?: "Mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver".

Primeiramente, apresentando uma vida de conformidade com a lei moral e divina, não somente em atitudes santas, coerentes com as virtudes de Deus, mas também em motivos puros. A definição de pecado, portanto, é "deixar de se conformar à lei moral de Deus, seja em ato, seja em atitude, seja em natureza", conforme analisa Wayne Grudem, renomado teólogo cristão.

■ **Pecado é desobedecer, é rebelar-se**

Note o que diz o texto de Romanos 2.14,15: "Porque, quando os gentios, que não têm lei, fazem naturalmente as coisas que são da lei, não tendo eles lei, para si mesmos são lei; os quais mostram a obra da lei escrita em seus corações, testificando juntamente a sua consciência, e os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os".

Este texto deixa claro que não há desculpa para o ser humano quanto a não ter o conhecimento real de Deus. Se os gentios não têm a revelação especial acerca de Deus, no entanto, a "lei" de Deus está anexada, escrita em seu coração. Não crer na mensagem apresentada, então, se torna desobediência e rebelião contra Deus. Saber o certo e fazer o errado, teologicamente é pecado, e foi exatamente isso o que aconteceu com Adão e Eva ao desobedecerem a exigência de Deus quanto a não se alimentarem do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2.16,17).

■ **Pecado denota a incapacidade espiritual do ser humano**

Quando comete pecado o ser humano distorce e deforma a imagem na qual foi criado à semelhança de Deus originalmente. É este o motivo de tantas anomalias no comportamento humano. Analisando Romanos 1.21-32, o quadro é crônico. Tomemos como exemplo apenas os versículos 21 e 28:

- ✓"Porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram, e o seu *coração insensato se obscureceu*" (v 21). É como se fosse uma luz que pouco a pouco se esvai. Os valores morais passam a ser invertidos. Este quadro devastador é tão antigo que o profeta Isaías disse aos seus contemporâneos: "Ai dos que ao mal chamam bem, e ao bem mal; que fazem das trevas luz, e da luz trevas; e fazem do amargo doce, e do doce amargo!" (Is 5.20).
- ✓"E, como eles não se importaram de ter conhecimento de Deus, assim *Deus os entregou a um sentimento perverso*, para fazerem coisas que não convêm" (v 28). Quantas bestialidades o ser humano comete e quantas crueldades aprova e pratica? E ainda alguém pergunta: "Mas como pode um ser humano chegar a esse nível?". São sentimentos perversos liberados e tolerados por Deus. E assim o ser humano vai como se fosse um barco à deriva. Conforme escreveu o apóstolo Paulo aos Romanos, as pessoas que estão neste estado precisam passar por uma transformação geral: "E não sede conformados com este mundo, mas sede *transformados pela renovação do vosso entendimento*, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus" (Rm 12.2).

■ Pecado é cumprir parcialmente as exigências de Deus

Há uma incompreensão por parte de muitos cristãos ao se depararem com o texto de Mateus 5.48 que diz: "Sede vós, pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus". Esta perfeição implica atingir as normas estabelecidas por Deus, o que por parte do ser humano poderá não ser total ou parcialmente alcançado. Os fariseus foram censurados por Jesus nem tanto pelo que faziam, mas sim pelos motivos com que faziam (Mt 6.1-18). Sendo assim é pecado, também, praticar atos com a intenção de ter a aprovação apenas e simplesmente humana.

■ Pecado é depreciar a Deus

Neste aspecto, não deve existir ninguém mais importante tomando o lugar que Deus deve ocupar no coração dos seus filhos. Jesus referiu-se a isso também quando disse: "Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim; e quem ama o filho ou a filha mais do que a mim não é digno de mim" (Mt 10.47). Portanto, ele não queria dizer com isso que os pais não devam ser amados, mas, ele se refere à posição que deveria ocupar no coração de seus seguidores. A primeira proibição no decálogo é: "Não terás outros deuses diante de mim" (Êx 20.3). Deus deve ter a primazia em tudo: "Mas, buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (Mt 6.30). Dar o primeiro lugar a alguém ou a qualquer objeto em detrimento de Deus redunda em pecado, e é idolatria.

Conceito etimológico

As Escrituras Sagradas empregam, tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento, vários vocábulos quando se trata de definir o pecado. A seguir alguns significados:

Hamartia

A palavra geralmente usada para o pecado é *hamartia* e tem o sentido básico de "errar o alvo". Seu correspondente na língua hebraica é *Chata'th*. Myer Pearlman, em sua obra *Conhecendo as doutrinas bíblicas*, afirma que o sentido é o de errar o alvo: "...como um arqueiro que atira, mas erra; do mesmo modo, o pecador erra o alvo final da vida". De *hamartia* temos o nome desta disciplina: hamartiologia, que refere-se ao estudo sobre a doutrina do pecado.

Adikia

O *Dicionário Internacional de Teologia* de Lothar Coenen e Colin Brown, obedecendo aos derivados desta palavra, afirma o seguinte acerca desse termo: "cometer uma injustiça", "ato injusto". Seu derivado em hebraico é *avon*.

Parabasis

Significa basicamente "violação", "transgressão", como no caso de romper um pacto, uma aliança. No hebraico temos, paralelamente, o termo *pesha*.

Paraptoma

Seu correspondente em hebraico é *resha* e significa "inadvertência", "erro", "engano". Entende-se como alguém que se "desviou para outro lado".

Capítulo 2

▼ A origem do pecado

Se Deus é bom, justo, perfeito e quer o bem da humanidade, então de onde vem o pecado? Qual sua origem? Como aconteceu sua entrada em nosso Universo?

De fato, saber a sua origem é vital para implantar o remédio eficaz contra este mal que assola o ser humano. Fingir que o pecado não existe, ignorá-lo, é a tendência de vários segmentos na sociedade. Mas antes de respondermos à pergunta: "De onde veio o pecado?", analisemos algumas teorias que tentam negar esta realidade.

◘ Gnosticismo

Esta teoria continua sendo, assim como foi no passado, uma grave ameaça para a igreja cristã. Sua propagação deu-se especialmente no período entre os séculos I a III. Numa forma bem simples, podemos definir o gnosticismo como o movimento cujos adeptos julgam ter "conhecimentos especiais", superiores aos cristãos, e uma nova forma de comunicar-se com um Ser Superior. Os gnósticos identificavam o mal com a matéria, ou seja, a carne com suas paixões, e o bem como uma substância do espírito. Sendo assim, não há razão para acreditar no pecado, que no caso, seria nada mais que a eterna luta entre o bem e o mal.

◘ Ateísmo

O termo vem do grego *atheos*, que significa *sem Deus*. Exatamente por negar a Deus e viver sem ele, negam o conceito de pecado, porque o pecado não pode ser simplesmente contra o ser humano, mas, contra um Ser soberano. Se assim fosse, as pessoas que não fazem nada de errado contra o seu próximo poderiam considerar–se boas, justas e isentas de pecado. Não há pecados se não há atos errados, pensam os ateus.

Hedonismo

Para os hedonistas o que importa é o prazer e este deve ser desfrutado sem nenhum sentimento de culpa. O hedonista não está preocupado se algo é errado, mas antes, se promove prazer. Ceder à tentação é algo normal e resistir a ela seria perda de tempo. Em nome do prazer é válido todo tipo de prática, principalmente os atos imorais, como o homossexualismo, o lesbianismo, o adultério, etc.

Evolucionismo

Se há pecado no ser humano este é o resultado da animalesca e primitiva origem do homem, é o que pensam os adeptos da teoria da evolução e/ou do evolucionismo. No entanto, perguntamos: Como pode ser isso, visto que os animais não pecam? Diante desta indagação, os evolucionistas defendem a ideia de que não há espaço para o sentimento de culpa, não há a imagem divina no ser humano, não há distorção desta imagem. Portanto, o ser humano não depende nem precisa de Deus.

É importante para o aluno deter o conhecimento destas concepções sobre o pecado, primeiro porque são ao mesmo tempo antigas e contemporâneas e segundo, porque leva-nos a examinar o que a Bíblia diz a respeito da origem do pecado. E é isto o que propomos a seguir.

A origem do pecado sob o ponto de vista bíblico

A rebelião angelical

Antes que Adão e Eva pecassem, o pecado aconteceu no mundo angelical por meio da desobediência e rebelião de Satanás contra Deus, apoiado pelos anjos que o seguiram no seu intento magistral. É óbvio que Deus não criou o diabo, mas sim, um ser angelical poderoso, com o privilégio de servi-lo, como os demais anjos. Quanto ao tempo exato da rebelião de Satanás nas regiões celestiais, há divergências entre os teólogos em geral.

Há estudiosos da Bíblia que entendem haver menção desta rebelião e consequente queda de Satanás nos textos de Ezequiel 28.15: "Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti" e Isaías 14.12: "Como caíste desde o céu, ó estrela da manhã, filha da alva! Como foste cortado por terra, tu que debilitavas as nações!".

Já há outro grupo de estudiosos que não admite nestes textos a possibilidade de referir-se a Satanás na sua rebelião e queda. Não entraremos aqui no mérito destas questões, isso poderá ser discutido com propriedade em outro módulo, no estudo sistemático sobre os anjos. O que é fundamental sabermos por ora é o fato de que tanto uma corrente de interpretação como outra, admitem Satanás como o originador do pecado.

■ Satanás e sua origem pecaminosa

O pecado de Adão e Eva dependeu antes da instrução maliciosa e tendenciosa de Satanás, por intermédio da serpente, no jardim do Éden, conforme registra a Bíblia (Gn 3.1-6). A sua responsabilidade, com relação à entrada do pecado no mundo e sua natureza é evidente: "Vós tendes por pai ao diabo, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai. Ele foi *homicida desde o princípio*, e não se firmou na verdade, porque não há verdade nele. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque *é mentiroso, e pai da mentira*" (Jo 8.44). O apóstolo João diz que o diabo peca desde o princípio: "... porque o diabo peca desde o princípio" (1 Jo 3.8).

■ Deus não é o autor do pecado

Colocar a culpa do pecado em Deus é se eximir da responsabilidade. Conforme vimos anteriormente, a entrada do pecado no mundo deu-se primeiramente no mundo angelical, logo após essa ocorrência o homem também pecou. Sendo assim, qual é a culpa de Deus no caso?

Há uma teoria chamada "determinismo" que ensina ser o livre arbítrio uma ilusão e que na realidade há dentro do ser humano impulsos e circunstâncias que não podem ser controladas nem evitadas pelo homem. Desta forma, se a pessoa é boa ou má pouco importa e assim esta não deve nem ser elogiada nem condenada por seus atos, visto ser escrava dos seus impulsos e das circunstâncias. Este pensamento faz de Deus o autor do pecado e o responsável direto pela entrada deste no mundo. Entretanto, a Bíblia nos mostra a santidade de Deus de forma incisiva: "Ele é a Rocha, cuja obra é perfeita, porque todos os seus caminhos justos são; Deus é a verdade, e não há nele injustiça; justo e reto é" (Dt 32.4). Deus repudia a perversidade: "Portanto vós, homens de entendimento, escutai-me: Longe de Deus esteja o praticar a maldade e do Todo-Poderoso o cometer a perversidade!" (Jó 34. 10).

■ Dualismo

Os gnósticos ensinavam que havia na natureza duas forças: a do mundo físico, identificada com o mal e a do mundo espiritual, identificada com o bem. No caso, o Deus bíblico não teria criado o mundo físico, pois o mesmo se compunha da matéria, e a matéria é física, e o físico é mal.

O problema de aceitar esta teoria é que somos obrigados a aceitar a ideia de um poder maligno existente eternamente junto de Deus, ou igual ou mais poderoso que Ele. Temos de entender que Deus "fez todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade" (Ef 1.11). Sendo Deus onisciente, até mesmo antes de criar o homem já sabia da entrada do pecado no mundo, no entanto, a sua manifestação na terra surgiu das decisões voluntárias das criaturas moralmente capacitadas.

■ A raça humana

De forma voluntária, Adão e Eva pecaram contra Deus. Deus tinha dito ao casal que poderia comer de toda a árvore... "Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comerdes, certamente morrerás" (Gn 2.17). Contrariando esta palavra a serpente disse que não morreriam: "Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis" (Gn 3.4). O diabo, representado pela serpente, semeou a dúvida e colocou em xeque a veracidade da Palavra de Deus. Cabia à Eva acreditar ou na Palavra de Deus ou na da serpente.

O diabo insinuou ao casal que Deus estava escondendo um segredo deles e opinou arbitrariamente que o segredo era a possibilidade de se tornarem deuses também: "Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, *e sereis como Deus*, sabendo o bem e o mal" (Gn 3.5). O erro do casal foi "esquecer" que Deus os *criou* com a finalidade de serem *criatura* e não *Criador*; *servos* e não *Senhor*. A responsabilidade do ser humano na entrada do pecado no mundo está em Romanos 5.12: "... por um homem entrou o pecado no mundo". Os passos para o pecado deram-se gradativamente: "E viu a mulher que aquela árvore era *boa* para se comer, e *agradável* aos olhos, e árvore *desejável* para dar entendimento; *tomou* do seu fruto, e *comeu*, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela" (Gn 3.6).

◘ O pecado na era dos pais apostólicos

■ Orígenes

Nascido, provavelmente em Alexandria, no Egito, cerca de 185 d.C, faleceu em Tiro, cerca de 254 d.C. Foi um dos maiores filósofos-teólogos cristãos. Combateu ferrenhamente o gnosticismo. Para ele, a questão do pecado é universal. Pelo fato de a alma ter se envolvido com o pecado, nosso corpo teria aprisionado a alma, entretanto, há uma redenção para esta. O ser humano pecou por sua própria liberdade e vontade.

■ Irineu

Acredita-se que tenha vivido entre 130-200 d.C. Foi um eminente líder e teólogo cristão. O gnosticismo sofreu fortes ataques por seu intermédio. Acreditava na culpabilidade do pecado transmitido pela transgressão de Adão. Cristo tornou-se pecado em nosso lugar (na sua morte) quando corrigiu o erro e a desobediência de Adão.

■ Agostinho

Aurélio Agostinho nasceu no ano de 354 d.C. na província romana ao norte da África. Foi um competente teólogo cristão. Entendia que o pecado não era um mal necessário, mas deu-se devido ao livre arbítrio humano. A contaminação e a culpa são originadas do pecado e este ofende a santidade de Deus.

■ Cipriano de Cartago

Nasceu em Cartago, África do Norte, cerca de 200 d.C. Aos 46 anos, converteu-se ao cristianismo e abandonou as crenças e práticas religiosas pagãs de sua família. Afirmou que todos nascem culpados do pecado de Adão e considerava que mediante o batismo a pessoa obtinha a regeneração.

Capítulo 3

▼ A universalidade do pecado

Conforme já vimos, o pecado foi um ato livre do casal Adão e Eva. No entanto, o pecado não ficou restrito somente a estes, mas estendeu-se a toda a raça humana. Sendo assim, toda a raça humana passa a ser pecadora por natureza e o pecado não é uma privação desta, mas antes uma tendência natural.

◘ Culpa herdada no Antigo Testamento

O único ser cuja natureza humana não se mostrou corruptível desde o seu nascimento foi o Senhor Jesus Cristo. Vemos isso em Hebreus 7.26: "Porque nos convinha tal sumo sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, e feito mais sublime do que os céus". Quando Deus resolveu destruir a raça humana através do grande dilúvio, nos dias de Noé, já o fez devido ao pecado do homem. Por causa da pecaminosidade do ser humano, a Bíblia diz que "... arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra e pesou-lhe em seu coração" (Gn 6.6). Entretanto, mesmo após o Dilúvio, quando os homens maus tinham sido mortos pela águas, a Bíblia diz que o homem prosseguiu em sua pecaminosidade: "...porque a imaginação do coração do homem é má desde a sua meninice" (Gn 8.21). O rei Davi ao reconhecer o seu pecado perante o Senhor exclamou: "E não entres em juízo com o teu servo, porque à tua vista não se achará justo nenhum vivente" (Sl 143.2). O texto de Isaías 53.6 nos dá uma visão aclarada do universalismo do pecado: "Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho; mas o Senhor fez cair sobre ele (Jesus) a iniquidade de nós todos".

Culpa herdada no Novo Testamento

Em Romanos 3.23 está dito que todos pecaram: "Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus". Quando Adão pecou ao desobedecer a Deus, este considerou que toda a raça humana também pecou: "E não foi assim o dom como a ofensa, por *um só que pecou*. Porque o juízo veio de *uma só ofensa*, na verdade, para condenação, mas o dom gratuito veio de muitas ofensas para justificação" (Rm 5.16), e mais: "Portanto, como por *um homem entrou o pecado no mundo*, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que *todos pecaram*" (Rm 5.12). Assim, quando do pecado de Adão no jardim do Éden, ele representava toda a raça humana. Logo, de fato a culpa de Adão nos pertence. Pelo fato de o pecado de Adão ser imputado a nós, o chamamos de "culpa original". Chamamos assim porque Adão foi quem pecou, mas Deus imputou o pecado ao ser humano em geral (sua descendência), que não pecou originalmente, no entanto, recebeu a culpa do pecado. Mas por que Deus consideraria culpado alguém que não pecou? Isso não seria injustiça de sua parte?

Neste caso temos de analisar o seguinte:

- ✓ Não temos como negar que mesmo que não tivéssemos a culpa do pecado de Adão, pecamos querendo ou não, independentemente.
- ✓ Deus nos considera culpados de pecado e pecadores, da mesma forma que Adão. Não é porque foi Adão quem pecou que estamos isentos da culpa, pois para Deus não há diferença.
- ✓ Não seria injusto também receber a justificação por intermédio de Cristo se não aceitarmos ser representados por Adão, no caso do pecado? Ou seja, se somos representados por Adão, pela sua pecaminosidade, somos também representados em Cristo, pela remissão dos pecados: "Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um muitos serão feitos justos" (Rm 5.19). Esta sublime equivalência destrói qualquer concepção de injustiça inferida dentro desta questão!

Herança pecaminosa

A consequência do pecado de Adão é que herdamos uma natureza pecaminosa, que é também chamada de "depravação total". Isto não significa que todos os que não são cristãos vivem uma vida imoral, mas que cada um é pecador e deve se conscientizar acerca disso, pois o apóstolo Paulo, falando dos gentios, afirmou que estes ainda "... que não têm lei, fazem naturalmente as coisas que são da lei, não tendo eles lei, para si mesmos são lei; os quais mostram a obra da *lei escrita em seus corações*, testificando juntamente a sua *consciência*, e os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os" (Rm 2.14,15).

Esta natureza pecaminosa é também conhecida como "pecado original". Estamos, humanamente comentando, sempre dispostos a pecar, principalmente antes de sermos cristãos, segundo o que Paulo disse aos efésios: "... todos nós também antes andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por *natureza filhos da ira*, como os outros também" (Ef 2.3). Não obstante, isto não quer dizer que não temos como resistir ao pecado, pois em 1Coríntios 10.13 está claro que "... fiel é Deus, que não vos deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar". Isto é possível até mesmo, e ainda, desde a infância, pois o apóstolo nos aconselha a criar os nossos filhos "... na doutrina e admoestação do Senhor" (Ef 6.4).

Novamente, o apóstolo nos fornece uma visão aclarada desta herança corruptiva do pecado, referindo-se a uma verdade individualmente reconhecida nele: "Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; e, com efeito, o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem" (Rm 7.18).

◘ O livre arbítrio

De fato temos muitas razões para não escolhermos o pecado. O homem tem capacidade para raciocinar antes de cometer um delito contra Deus. Não somos máquinas previamente destinadas para fazer o mal ou o bem, sem nenhuma responsabilidade. Quando as pessoas decidem o que fazer, estão utilizando a liberdade. No entanto, por mais que resistam em escolher a retidão, devem ter em mente o seguinte:

■ Toda a nossa natureza precisa de Deus

Pode ser que alguém escolha pecar por não saber nem entender que somos totalmente pecadores, isto é, o nosso intelecto, as emoções, os desejos, o coração nos enganam, a ponto de pensarmos que somos bons. Sabedor da natureza humana, Deus revelou ao profeta Jeremias que: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?" (Jr 17.9). Isto quer dizer que por melhores que sejam, os indivíduos não são bons no sentido espiritual para com Deus, não têm um relacionamento de comunhão com o Senhor. A influência deles na sociedade não os isenta, se caso não reconhecerem a obra de Cristo, a estarem "... entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus pela ignorância que há neles, pela dureza do seu coração" (Ef 4.18).

■ **A incapacidade humana de agradar a Deus**

Obviamente isto se dá nas pessoas que não têm interesse em se relacionar com Deus, pois a Bíblia diz que "... os que estão na carne não podem agradar a Deus" (Rm 8.8). A Nova Era, a Ioga, a Meditação Transcendental e tantas outras "manias" pregam que o ser humano deve pensar ser ele justo e bom, e que através de algumas técnicas pode se "encontrar" ao se relacionar com um ser cósmico. Contrariando isso, Isaías disse: "Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças como trapo da imundícia; e todos nós murchamos como a folha, e as nossas iniquidades como um vento nos arrebatam" (Is 64.6).

A palavra de Deus diz aos Hebreus 3.7,8: "Portanto, como diz o Espírito Santo: Se ouvirdes hoje a sua voz, não endureçais os vossos corações, como na provocação, no dia da tentação no deserto". O ser humano pode se arrepender e desejar ter fé em Deus, através da atuação poderosa do Espírito Santo.

Capítulo 4

▼ O pecado original

A esta altura já deve estar bem entendida a questão da universalidade do pecado, pois há inúmeros textos da Bíblia que se referem a este assunto. Os versículos que seguem apenas reforçam este fato:

- ✓ "Desviaram-se todos e juntamente se fizeram imundos: não há quem faça o bem, não há sequer um" (Sl 14.3);
- ✓ "... pois não há homem que não peque" (1 Rs 8.46);
- ✓ "Quem poderá dizer: purifiquei o meu coração, limpo estou de meu pecado?" (Pv 20.9).

Não obstante ao costume de chamarmos a natureza pecaminosa humana de "pecado original", é melhor entendê-la como sendo "corrupção herdada" ou "culpa herdada". É importante saber alguns conceitos teóricos sobre o "pecado original" avaliados por ideias relevantes e de grande importância ao estudante de teologia. Destacamos os seguintes posicionamentos:

Pelagianismo

Pelágio viveu no século IV (360-420 d.C.). Teólogo britânico, teve uma vida exemplar e piedosa. A doutrina professada por Pelágio e seus partidários foi a primeira heresia do Ocidente cristão. Seus conceitos foram desenvolvidos de forma contundente sobre a hamartiologia. Pelágio não acreditava na existência do "pecado original", pois, se a pessoa é capaz de fazer o bem exigido por Deus, segue-se que sua responsabilidade perante Deus é somente naquilo que ele tem competência para fazer. No caso, para Pelágio, a pessoa peca isoladamente, mas não porque possui a natureza pecaminosa herdada, isto é, dela é a decisão de pecar ou não, é a chamada "liberdade da vontade". Conforme o respeitado teólogo Charles Hodge, em sua obra *Teologia sistemática*, Pelágio ensinava que, "se a natureza fosse pecaminosa, então Deus, como o autor da natureza, seria o autor do pecado". Sendo assim, o prejuízo do pecado de Adão foi somente a ele mesmo e não estendido à raça humana.

Em se tratando do "efeito morte" após o pecado, ele (Pelágio) desconsiderava que esse efeito fosse motivado pelo pecado de Adão, mas que este, pecando ou não, fatalmente morreria. Segundo este pensamento, a morte nada mais é do que uma companheira do homem e este, mesmo desconhecendo o evangelho, mas vivendo uma vida digna, seria capaz de adquirir a vida futura no céu. O julgamento do homem seria baseado conforme o que ele conhece e o que pratica, ou seja, unicamente em seus atos individuais.

Contudo, o ensino bíblico contraria a ideia de que somos responsáveis somente por aquilo que podemos, aquilo que temos a capacidade de fazer. As Escrituras Sagradas declaram que nos encontrávamos "... mortos em ofensas e pecados" (Ef 2.1), e que antigamente "... andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como os outros também" (Ef 2.3).

Se a única responsabilidade humana é a capacidade de obedecer a Deus, fazendo o bem, então, os pecadores extremados, debaixo do jugo do pecado, são até menos culpados perante Deus do que os cristãos fiéis e esforçados em agradá-lo por meio da obediência, e isso seria um grande absurdo. No entanto, a Bíblia afirma: "Sede vós, pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus" (Mt 5.48).

Arminianismo

Entende-se por arminianismo a teologia dos seguidores de Jacó Armínio, um teólogo reformado holandês, que viveu entre 1560-1609 d.C.

Ensinava que recebemos de Adão uma natureza corrupta e que, em face disso, o ser humano é incapaz de cumprir os mandamentos de Deus, precisando assim da ajuda divina. A despeito de termos herdados a pecaminosidade de Adão, não somos responsáveis pela sua queda. Neste sentido, a culpa do seu pecado não é imputada ao homem, somente sendo herdada de Adão a incapacidade de obedecer a Deus, se este (Deus) não o auxiliar. O plano expiatório previsto por Deus, por intermédio da morte de Cristo, neutraliza a corrupção herdada de Adão, dizem os arminianos. A culpa herdada foi removida pela morte de Cristo. A única responsabilidade do homem, ainda concernente ao pecado, seria em relação aos seus próprios atos voluntários e pelas consequências de tais atos.

A atenção especial dos arminianos está no ensino do livre arbítrio. Para Armínio, embora a salvação seja obra de Deus, o homem pode aceitá-la ou rejeitá-la. Afirmava que a eleição de Deus para a salvação tem por base em seu propósito eterno e imutável somente "aqueles que, por intermédio da graça do Espírito Santo, crerão em seu Filho Jesus".

◘ Calvinismo

Por definição, *calvinismo* compreenderia os ensinos, a teologia, de João Calvino, importante teólogo do século 16 (1509-1564 d.C.). Tratando sobre a questão problemática da origem do desejo pecaminoso, o grande estudioso R.C Sproul afirmou que Deus não pode dar a ninguém o desejo de pecar e que originariamente, nem Lúcifer nem Adão tinham natureza pecaminosa. Esta afirmação é uma contraposição dele ao livre arbítrio. Este ensina que a liberdade humana é capaz de tornar o mal possível. Jonathan Edwards, parcialmente contrário ao livre arbítrio, afirmou que o desejo para o mal vem de nossa natureza caída, que somente desejará o mal sem a liberdade da escolha humana. No entanto, este fato não isenta a pessoa da responsabilidade moral pela sua escolha. Diferentemente do arminianismo, que enfatiza a "pecaminosidade herdada", o calvinismo enfatiza o "pecado original". Para os calvinistas o pecado de Adão não foi um ato isolado, mas é o nosso pecado também. Esta questão é importante e pode ser entendida por dois ângulos que seriam:

■ O conceito criacionista da origem da alma

Esta doutrina ensina que Deus criou a alma humana especialmente para cada indivíduo e unida ao corpo no nascimento. Este conceito posiciona Adão como o único detentor do "pecado original". Isto é explicado pelo fato de a raça humana não estar presente nem psicológica ou espiritualmente em nenhum de nossos ancestrais, nem em Adão. Este seria, simplesmente, o nosso representante, e suas ações provocaram o efeito passando em todos os seus descendentes.

Pecando Adão somos também considerados pecadores e culpados perante Deus. A aliança entre Deus e Adão remete toda a corrupção e culpa a nós, pois ele é o nosso representante, assim como Cristo foi nosso representante para promover a expiação.

■ **O conceito traducionista da origem da alma**

Este conceito ensina que a alma humana é transmitida pelos nossos pais e está relacionada com o momento da concepção, da mesma forma como absorvemos a natureza física. Segundo este pensamento, quando Adão pecou, estávamos com ele presentes de forma germinal ou seminal, passando logo após por nossos ancestrais até chegar em nós. Quando Adão pecou, não se tratou de um pecado individual, mas do ato de toda a raça humana. O ponto mais positivo deste posicionamento é que não há injustiça no fato de termos uma herança pecaminosa e corrompida e que, devido a isso, somos pecadores. Estaria aí a resposta à pergunta que todos fazem: "O que eu tenho a ver com Adão?"

Estas correntes de pensamento nos levam a ponderar sobre a complexidade do pecado em dois sentidos. A primeira questão é que, não obstante herdarmos a natureza pecaminosa e corrompida de Adão, cada um dos seres humanos é responsável diante de Deus por seus atos cometidos individualmente. A segunda é que o pecado de Adão reflete-se no mesmo pecado das pessoas, e não são apenas atos individuais praticados livremente, mas que Adão agiu por todos quando pecou no jardim do Éden.

Capítulo 5

▼ O pecado imperdoável

Sabemos que Deus perdoa os pecados cometidos, pois em Marcos 2.7 está escrito: "Por que diz este assim blasfêmias? Quem pode perdoar pecados, senão Deus?" Este resgate é levado a efeito através do sangue de Jesus Cristo derramado por nós na cruz do Calvário: "Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça" (Ef 1.7). No entanto, segundo Mateus 12.32, parece haver uma "espécie" de pecado que não alcança o perdão ou não deve ser perdoado. Este trecho bíblico tem levado a várias interpretações e gerado dúvidas nos cristãos, pois afinal: "Deus perdoa ou não todos os pecados cometidos pelo ser humano?". Sendo assim, existem pecados que podem ser considerados mais graves que outros? Há gradações de pecados? Os pecados não são todos iguais?

Antes de analisarmos o texto de Mateus 12.32, que encontra paralelos em Marcos 3.28,29 e Lucas 12.10, analisaremos a questão da transição gradual do pecado.

◘ Distinguindo o pecado

Há uma intenção popular entre os cristãos em aumentar ou diminuir o pecado. Os cristãos não entendem muito bem essa questão e terminam polemizando e entrando em debates, quando se trata de conversar sobre o pecado na vida do ser humano, na vida do cristão. Pois afinal, parece que conscientemente há pecados que são "maiores ou menores", ou aqueles que até podem ser cometidos, caso o delator necessite, pois parecem não se constituir em um pecado explícito ou direto, é o que pensam algumas pessoas.

E como é que Deus analisaria estes tipos de pecado? Qual a condição das pessoas que cometem pecados classificando-os como "maiores ou menores" perante Deus?

O catolicismo romano, por exemplo, classifica os pecados em duas categorias: pecado mortal e pecado venial. Biblicamente, existiria realmente esta classificação? Qual a diferença entre eles?

■ Pecado mortal

A igreja Católica Romana apresenta, para "provar" a existência destas duas categorias de pecado, o texto de 1João 5.16,17 que diz: "Se alguém vir pecar seu irmão, pecado que *não é para morte*, orará, e Deus dará a vida àqueles que não pecarem para morte. Há *pecado para morte*, e por esse não digo que ore. Toda a iniquidade é pecado, e há *pecado que não é para morte*".

Os pecados graves e cometidos conscientemente são classificados como *mortais*; os pecados praticados na ignorância são chamados de *veniais*.

Se a pessoa cometer o *pecado mortal* estará separada de Deus e se não receber o perdão acabará por ser condenada eternamente.

Quanto ao texto de 1João 5.16,17 há os que interpretam que a morte, que seria o efeito do pecado, é a morte física, pois de outra forma, se fosse a morte eterna, ou seja, a separação de Deus, haveria pecado que levaria o homem à morte eterna, sobre a qual não adiantaria orar. Os que advogam que seria a morte física acreditam que Deus alcança a todos com sua graça.

A outra interpretação é a de que a morte referida no texto seja a espiritual. A verificação final para tal condenação seria a apostasia. A estes apóstatas recaem a advertência de não orar, visto que já estão terminantemente condenados a eterna perdição.

■ Pecado venial

Este seria o pecado considerado menos grave, não realizado deliberadamente e sem a consciência do protagonista. A questão que deve ser analisada, entretanto, está em que existem pecados considerados "mortais" para a igreja romana. Aqueles que são praticados inconscientemente o catolicismo considera "pecados veniais".

Se para a prática do "pecado mortal" não há solução, o "pecado venial" pode ser perdoado através das penitências. Mas o que seria o ensino da penitência segundo a igreja Católica Romana?

■ Penitência

Esta é a definição da igreja Romana: "A penitência, chamada também confissão, é o sacramento instituído por Jesus Cristo para perdoar os pecados cometidos depois do batismo. Depois de feito o sinal da Cruz, o católico deve dizer: Eu me confesso a Deus todo-poderoso, à bem-aventurada sempre Virgem Maria, a todos os Santos, e a vós, padre, porque pequei. As obras de penitência podem reduzir-se a três espécies: à oração, ao jejum, à esmola".

Analisando 1João 5.16,17

Vimos anteriormente as duas interpretações acerca deste texto. Se há divergência na questão interpretativa, há, no entanto, o consenso de que não se trata da questão de diferenças de pecado como classificados pela igreja Romana como venial ou mortal.

Veremos, mais adiante, que existem casos em que realmente a atitude de orar por tal pessoa que pratica o pecado deliberadamente se torna uma ação frustrante. Estamos falando de pessoas que já determinaram em seus corações persistirem nos seus caminhos pecaminosos.

O texto supracitado não fala nada acerca do "pecado imperdoável". No entanto, seria bom que entendêssemos como sendo pecados que levam à morte física, o que não implica necessariamente que a pessoa se perca eternamente. Até porque, os cristãos são aconselhados, pela Bíblia, a orar pelas pessoas independentemente dos seus pecados ou de sua condição religiosa. Note, por exemplo, o pedido do apóstolo Paulo para que oremos pelas autoridades governamentais em Romanos 13.1-7.

Graus de pecado

A intensidade do pecado sugere um efeito recíproco. Jesus disse aos fariseus: "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que devorais as casas das viúvas, sob pretexto de prolongadas orações; por isso *sofrereis mais rigoroso juízo*" (Mt 23.14).

Conforme a lei divina, qualquer pecado, independente de sua intensidade, nos torna culpados perante Deus e nos leva ao castigo eterno. Mesmo sem conhecermos profundamente os pormenores do pecado de Adão e Eva, certamente sabemos que a sentença de Deus foi taxativa: "Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comerdes, certamente morrerás" (Gn 2.17).

O casal não precisou pecar várias vezes e de forma variada e diferenciada para que a transgressão da lei divina fosse evidenciada: "Porque *o juízo veio de uma só ofensa*, na verdade, para condenação, mas o dom gratuito veio de muitas ofensas para justificação" (Rm 5.16).

Se legalmente somos culpados perante Deus ao pecarmos, todavia, existem pecados que trazem consequências diferenciadas na nossa comunhão com ele e também perante a sociedade.

Quando Jesus estava perante Pilatos, falou a respeito de Judas que o havia traído e entregue ao Conselho judaico e, posteriormente, aos romanos, identificando a gravidade do seu pecado: "Respondeu Jesus: Nenhum poder terias contra mim, se de cima não te fosse dado; mas aquele que me entregou a ti *maior pecado tem*" (Jo 19.11). Se Pilatos, condenando a Jesus, contrário a sua vontade, cometia pecado e era passível de condenação, contudo, Judas que foi discípulo de Jesus, ao pecar deliberada e conscientemente cometeu pecado maior que o de Pilatos.

No sermão da montanha, Jesus faz alusão à obediência a todos os mandamentos, denotando intensidade de pecados quando disse: "Qualquer, pois, que violar um destes mandamentos, *por menor que seja*, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos céus" (Mt 5.19).

No Antigo Testamento, no livro de Levítico, que trata de vários sacrifícios que deveriam ser ofertados pelos hebreus quando pecassem, há referências aos pecados praticados *por ignorância*. Note por exemplo estes versículos:

- ✓"Quando uma alma pecar, por ignorância, contra alguns dos mandamentos do Senhor, acerca do que não se deve fazer, e proceder contra algum deles..." (Lv 4.2);
- ✓"Mas, se toda a congregação de Israel *pecar por ignorância*, e o erro for oculto aos olhos do povo, e se fizerem contra alguns dos mandamentos do Senhor, aquilo que não se deve fazer, e forem culpados..." (Lv 4.13);
- ✓"E, se alguma pessoa pecar, e fizer, contra algum dos mandamentos do Senhor, aquilo que não se deve fazer, *ainda que o não soubesse*, contudo será ela culpada, e levará a sua iniquidade" (Lv 5.17).

Entretanto, há pecados que são cometidos descaradamente: "Mas a pessoa que fizer alguma coisa temerariamente quer seja dos naturais quer dos estrangeiros, injuria ao Senhor; tal pessoa será extirpada do meio do seu povo" (Nm 15.30). A tradução bíblica Almeida Atualizada em vez de dizer "temerariamente" diz "atrevidamente". Tanto o pecado é diferente um do outro quanto as suas consequências.

Quando um servo de Deus peca, sua condição perante ele é mais séria se comparado àquele que ainda nem aceitou o evangelho. Essa situação se agrava quando se trata de uma autoridade eclesiástica: "Meus irmãos, muitos de vós não sejam mestres, sabendo que *receberemos mais duro juízo*" (Tg 3.1).

■ **A análise divina sobre os graus de pecado**

Relembrando a questão do pecado ser "mortal" ou "venial" conforme o ensino católico, já vimos que a Bíblia nada diz a respeito, pois Deus está pronto a perdoar qualquer tipo de pecado, desde que a pessoa queira. No ensino católico romano, os pecados veniais podem ser reparados através dos castigos e sofrimentos infligidos à pessoa aqui na terra ou no purgatório, antes de ir para o céu.

No entanto, para Deus, não somente todos os pecados são mortais, no sentido de separar o homem eternamente de si (Deus), como também se consegue perdão, independente de sua gravidade: "Não sabeis que os injustos não hão de herdar o reino de Deus? Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus. E é o que alguns têm sido; *mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados* em nome do Senhor Jesus, e pelo Espírito do nosso Deus" (1Co 6.9-11).

Aprendemos assim, que há pecados que quando praticados de modo arbitrário e consciente desagradam a Deus mais do que os que são praticados na ignorância. Desta forma, chegamos assim ao tópico do "pecado arbitrário".

■ **Conceitos errôneos acerca do pecado imperdoável**

Voltando ao texto de Mateus 12.32 observamos que há um pecado imperdoável. Como entender esta questão? Jesus disse: "E, se qualquer disser alguma palavra contra o Filho do homem, ser-lhe-á perdoado; mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste século nem no futuro".

Primeiro vamos analisar o que este texto não quer dizer. Vejamos o que o texto não significa:

A ação de não crer em Jesus Cristo e o rejeitar mesmo ante a morte física.

Os que creem nisso dizem que não crer em Jesus implicaria não crer também no Espírito Santo. No entanto, o texto não se enquadra dentro desta possibilidade mesmo entendendo que os que se recusam a crer em Jesus, com certeza, não alcançarão perdão. No caso em questão, o próprio Jesus está se referindo ao Espírito Santo e não a ele próprio.

Que as pessoas não poderiam recusar a Cristo pelo fato de ele ser inspirado pelo Espírito Santo.

Esta ideia é quase igual ao primeiro pensamento exposto, mas, ainda não trata da blasfêmia contra o Espírito Santo. Não crer, de forma ortodoxa em Jesus, não significa necessariamente não crer no Espírito Santo, e mais, o pecado contra Jesus alcança o perdão.

Abandonar a fé após ter experimentado a nova vida em Cristo.

Os que pensam assim tomam como base o texto de Hebreus 6.4-6 que afirma: "Porque é impossível que os que já uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus, e as virtudes do século futuro, e recaíram, sejam outra vez renovados para arrependimento; pois assim, quanto a eles, de novo crucificam o Filho de Deus, e o expõem ao vitupério". Esta condenação, no entanto, não explica a blasfêmia contra o Espírito Santo e não esclarece que rejeitar a Cristo resulta em perda da salvação pelos verdadeiros cristãos.

■ **O sentido correto acerca do pecado imperdoável**

Há um grupo de palavras traduzidas como blasfemar que ocorrem 56 vezes no texto grego do Novo Testamento. O verbo grego *blasphemeo* por sua vez ocorre 34 vezes com o sentido de *falar acusatoriamente*, *injuriar, descompor e caluniar*. O substantivo *blasfhemia* ocorre 18 vezes no texto grego e tem o sentido de *injúria, detração, difamação* e *fala injuriosa*. As outras quatro ocorrências estão na forma adjetiva. Segundo Joseph Thayer, o sentido que deve ser atribuído à *blasfêmia* é o de "falar injuriosamente contra o bom nome de alguém ou ainda falar de forma injuriosa contra a majestade divina".

Todavia, o pano de fundo que nos dá a compreensão do significado desta palavra se acha no Antigo Testamento, em que encontramos um grupo de palavras sinônimas que são traduzidas com o sentido de *blasfêmia*. Os termos hebraicos *gadap* (Nm 15.30), *hârap* (2Rs 19.22), *nâqab* (Lv 24.16) e *nâ'ats* (Ne 9.18) são traduzidos respectivamente por "injuriar" (pessoas), "blasfemar" (contra Deus); "reprovar", "blasfemar", "desafiar", "insultar", "censurar"; "blasfemar", "nomear" e "desprezar", "rejeitar", "abominar". O substantivo *blasfêmia*, por exemplo, no Salmo 74.10 pode ser traduzido como "dizer coisas duras, censurar, zombar". "Blasfemar", portanto, tem o sentido de "falar (não apenas pensar) de forma deliberada e consciente contra a autoridade divina".

Voltemos ao texto de Mateus 12.31-32. Não obstante esta porção bíblica ter sofrido as mais variadas interpretações, há praticamente um consenso entre a erudição bíblica sobre o seu significado. No contexto do Novo Testamento, a *blasfêmia* (mais especificamente na referência que ora discutimos) mantém o sentido de "atribuir ao diabo aquilo que é obra de Deus", isto é, o que se constitui uma injúria e um insulto contra Deus. No contexto em lide, Jesus acabara de libertar um endemoninhado que era "cego e mudo" (v.22). Diante de uma demonstração inequívoca do poder do Espírito Santo operando através de Jesus, os fariseus motivados por orgulho religioso murmuraram: " Este não expele os demônios senão pelo poder de Belzebu, maioral dos demônios" (v.24). Os fariseus atribuíram a Satanás aquilo que era obra do Espírito Santo e Jesus disse que isto era uma blasfêmia.

Mas por que isso se constituiria em pecado imperdoável? De acordo com o Evangelho de João, o Espírito Santo é quem "convence do pecado" (Jo 16.8), e sendo ele blasfemado, isto é injuriado e tendo suas obras atribuídas a Satanás, quem irá convencer agora o homem? A.T. Robertson observa que é justamente isso que caracteriza o pecado imperdoável: "ao dizer que Jesus tinha um espírito imundo eles atribuíram ao diabo uma obra do Espírito Santo". Colin Brown observa que o "homem que blasfema contra o Espírito Santo é aquele que reconheceu que Deus está operando mediante o Espírito Santo, nas ações de Jesus, e que deliberada e conscientemente dá uma definição falsa da fé em Deus como sendo fé no diabo". Motivados por uma teimosia cega, os fariseus preferiram chamar de trevas aquilo que era perfeita luz. Brown ainda observa oportunamente que "aqueles que tenham sido atormentados pelo medo de que talvez tenham cometido o pecado imperdoável, que sua própria preocupação temerosa é, de si mesma, um sinal de que não cometeram o pecado contemplado no ensino de Jesus neste ponto".

Capítulo 6

▼ O cristão e o pecado

"Duas espécies de paz devem ser mais temidas do que todos os problemas do mundo: paz com o pecado e paz no pecado" (Joseph Alleine).

O apóstolo João escreveu: "Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça. Se dissermos que não pecamos, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós" (1Jo 1.8-10). Deste texto podemos depreender que sem dúvida o cristão comete pecado. Independente das formas pelas quais se peca, se às escondidas ou publicamente, se em maior ou menor grau. A Bíblia diz que "... todos estão debaixo do pecado; como está escrito: Não há um justo, nem um sequer" (Rm 3.9,10).

O que ocorre com o cristão, logo após aceitar a Cristo como Salvador, é um processo de santificação, não somente no aspecto moral, mas, em todos os sentidos. O apóstolo Paulo aos Efésios 2.1,2 lembra aos irmãos o tipo de vida que levavam: "Em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência. Entre os quais todos nós também antes andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como os outros também". Esta vida pecaminosa anteriormente experimentada é contrastada com a nova vida em Cristo: "Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (2Co 5.17).

◘ Quando o cristão peca ele alcança perdão

Conforme Romanos 8.1, mesmo se o cristão salvo em Jesus pecar ele ainda encontra um consolo: "... agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito". Isto não quer dizer que ele deva continuar no pecado, ou continuar pecando: "Que diremos pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde? De modo nenhum. Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?" (Rm 6.1,2).

O que está evidente ao cristão é que ele é salvo não por obras meritórias, mas pela maravilhosa graça de Deus: "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie" (Ef 2.8,9).

Não deixamos de ser seus filhos quando pecamos, pois quando aceitamos a Cristo a nossa filiação é corroborada pelo Pai: "Amados, agora somos filhos de Deus" (1Jo 3.2). Se o cristão vier a cometer pecado contra Deus é melhor confessar, pois "o que encobre as suas transgressões nunca prosperará, mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia" (Pv 28.13). E a garantia do perdão é o Senhor quem dá: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça" (1Jo 1.9), pois "...o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado" (1Jo 1.8).

◘ Quando o cristão peca a comunhão com Deus é prejudicada

A Bíblia nos aconselha a não entristecermos o Espírito Santo: "E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção" (Ef 4.30). No entanto, mesmo o Senhor se desgostando de nossos atos, ele continua a nos amar, porém nos adverte identificando a sua insatisfação: "Filho meu, não desprezes a correção do Senhor, e não desmaies quando por ele fores repreendido; porque o Senhor corrige o que ama, e açoita a qualquer que recebe por filho. Se suportais a correção, Deus vos trata como filhos; porque, que filho há a quem o pai não corrija? Mas, se estais sem disciplina, da qual todos são feitos participantes, sois então bastardos, e não filhos" (Hb 12.5-8). Esta comunhão prejudicada, no entanto, não é para sempre: "Por um breve momento te deixei, mas com grandes misericórdias te recolherei" (Is 54.7). Quando permanecemos pecando, nossa comunhão com Cristo vai perdendo a intensidade até nos tornarmos infrutíferos espiritualmente: "Estais em mim, e eu em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim. Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer" (Jo15.4,5).

Os cristãos nominais

Há um equívoco, ainda na questão do crente pecar, quando analisamos o fato religioso. O problema está naqueles que apenas participam de determinados grupos religiosos, mas sem nenhum compromisso com a verdade divina. Estes são os cristãos nominais, ou seja, apenas no nome, ausentando-se de um viver perfeito e santo, em contraposição ao que Cristo ensinou (Mt 5.20,48).

As pessoas devem entender que não basta seguir determinado movimento religioso, mas nascer espiritualmente, ou seja, passar pelo processo da regeneração: "Jesus respondeu, e disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus" (Jo 3.3). É por isso digno de repulsa o jargão popular dito pelos religiosos de que "todos os caminhos conduzem a Deus". O Senhor Jesus não apoiou a ideia de diversos caminhos para a comunhão com Deus, mas disse: "Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim" (Jo 14. 6).

Não basta pertencer a um grupo religioso para imaginar que está isento de pecado, e nem mesmo o líder deste movimento está ordenado, ou tem autoridade, para intermediar o homem e Deus, concedendo aos adeptos o perdão de pecados, como faz o catolicismo romano e outros grupos sectários. A Bíblia afirma que o único intermediador entre Deus e os homens é o seu Filho Jesus: "Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem" (1Tm 2.5).

Se não houver verdadeira conversão à Cristo não importa quantas maravilhas e sinais aconteçam nas religiões: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade" (Mt 7.21-23).

Muitos que se dizem religiosos são praticantes ou aprovam as práticas pecaminosas e imorais tais como o adultério, o homicídio, a fornicação, a vingança, a mentira, etc. Estes atos, assim como a intenção, foram reprovados pelo Senhor Jesus veementemente, quando conversou com os religiosos de sua época: "Mas, o que sai da boca, procede do coração, e isso contamina o homem. Porque do coração procedem os maus pensamentos, mortes, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias. São estas coisas que contaminam o homem... " (Mt 15.18-20).

O apóstolo João disse: "Aquele que diz: Eu conheço-o, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade" (1Jo 2.4).

Capítulo 7

▼ As consequências do pecado

"Se não fosse pelo pecado, a morte jamais teria tido princípio. Se não fosse pela morte, o pecado nunca teria tido fim" (Anônimo)

Assim como todo efeito tem uma causa, não seria diferente com o pecado. Quando Deus deu mandamento ao homem para que não pecasse, o fez com condições. A não obediência acarretaria males e desconforto aos seres humanos, a obediência garantiria a ele viver em harmonia em todos os aspectos. O casal (Adão e Eva), quando pecou contra Deus, tornou-se rebelde contra as leis divinas, e, portanto, vulnerável aos seus efeitos. Viver segundo os padrões divinos é um vínculo que o ser humano tem com o seu criador desde o início. As consequências do pecado podem ser variadas e afetam as pessoas de muitas formas. Vejamos então o que ocorreu com a humanidade após o pecado de Adão:

◘ A culpa

Quando Deus procurou Adão no jardim do Éden, logo após a transgressão, ele se desculpou: "E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me" (Gn 3.10). Mas, independentemente se há erro ou não na conduta humana a culpa estará sempre o acompanhando. Não se trata apenas de *sentimentos de culpa*, pois, existem muitas pessoas que se consideram culpadas apenas quando cometem erros, no entanto, não é assim que se entende a culpa, pois ela independe de erros humanos. A culpa é um sinal de que há algo de errado com o ser humano. Quando o Senhor Jesus participava da Ceia com os discípulos,

há um retrato da culpa sob dois aspectos: Judas realmente tinha a intenção de traí-lo e por isso podia ser considerado culpado: "E, respondendo Judas, o que o traía, disse: Porventura sou eu, Rabi? Ele disse: Tu o disseste" (Mt 26.25). Porém, os outros discípulos não tinham traído o Mestre, mas também se achavam culpados: "E eles, entristecendo-se muito, começaram cada um a dizer-lhe: Porventura sou eu, Senhor?" (Mt 26.22). É muito comum alguém não ser culpado de um delito, mas mesmo assim querer se desculpar. Isso acontece por causa da culpa, e esta veio por intermédio do pecado de Adão.

◘ Separação de Deus

As consequências do pecado vêm desde a tentativa de Satanás e de seus anjos de usurparem o lugar do Senhor Deus. Satanás, ao ser lançado por terra, perdeu a sua morada e a partir deste momento estaria para sempre distante do céu. O castigo conferido a Satanás e aos anjos que o seguiram na rebelião é estar para sempre em tormento e distantes de Deus: "E o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre" (Ap 20.10).

Sendo assim, observamos que o primeiro resultado do pecado à humanidade foi a separação de Deus e a perda da comunhão com ele. A primeira atitude de Adão e Eva ao pecarem foi se esconder de Deus e não podendo mais se relacionar com ele, por causa do pecado, foram lançados fora do jardim do Éden: "O Senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden, para lavrar a terra de que fora tomado" (Gn 3.23).

Da mesma forma, a Bíblia enfatiza que se amarmos o mundo nos tornaremos inimigos de Deus: "...não sabeis vós que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto, qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus" (Tg 4.4).

◘ Morte física

Como comentamos em nossa introdução a esta disciplina, a morte física é uma das coisas que mais apavora o ser humano, e continua sendo o maior enigma da humanidade. No entanto, por mais que desconversemos sobre o assunto, ela é real: "... aos homens está ordenado *morrerem uma vez*, vindo depois disso o juízo" (Hb 9.27). O pecado original de Adão trouxe a morte física (Rm 5.12). Logo após a queda do homem, ao pecar, Deus disse: "No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; *porquanto és pó e em pó te tornarás*" (Gn 3.19).

Cristo Jesus, ao ressuscitar, provou que a morte física foi derrotada, contudo, isto não quer dizer que o ser humano não morrerá. Paulo esclarece que um dia os mortos em Cristo ressuscitarão: "Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e *os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro*" (1Ts 4.16). Portanto, existe algo real e que os cientistas e os pesquisadores jamais conseguirão êxito ao tentar explicar: a morte. Entretanto, a Bíblia fala da origem da morte de uma forma muito simples: "Porque, se pela *ofensa de um só, a morte reinou por esse*, muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só, Jesus Cristo" (Rm 5.17). Jesus, na sua vinda à terra, passou por situações em que as pessoas tinham sido assoladas pela morte física, mas ao depararem-se com ele voltaram a viver. Vemos o milagre da ressurreição na Bíblia pelo menos em cinco ocasiões (Mc 9.35-42; Jo 11.1-44; Lc 7.11-15; At 9.36-41; 20.9-12). Estas passagens apenas introduzem a vitória de Cristo sobre a morte quando, num futuro, a morte física será completamente destituída: "Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte" (1Co 15.26).

◘ Morte espiritual

A maioria dos pensadores cristãos acredita que a sentença dada por Deus a Adão (a de que morreria ao pecar) refere-se à morte espiritual, pois Adão não morreu fisicamente no mesmo dia, mas, alguns anos depois. Confira os dois textos a seguir e analise as diferenças de tempo.

- ✓ "Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Gn 2.17);
- ✓ "E foram todos os dias que Adão viveu, novecentos e trinta anos, e morreu" (Gn 5.5).

Dizemos que uma pessoa está morta, biblicamente, quando está separada de Deus no sentido espiritual. Esta "morte" é identificada pelo profeta Ezequiel como sendo de responsabilidade pessoal: "Eis que todas as almas são minhas; como o é a alma do pai, assim também a alma do filho é minha: *a alma que pecar, essa morrerá*" (Ez 18.4). Alguns sectários veem neste texto uma suposta extinção do ser humano, porém, mais à frente verificamos que se trata da morte no sentido espiritual, pois há possibilidade de a própria pessoa reverter o quadro: "Mas se o ímpio se converter de todos os pecados que cometeu, e guardar todos os meus estatutos, e proceder com retidão e justiça, *certamente viverá; não morrerá*" (Ez 18.21).

O apóstolo Paulo elucidou que, distantes de Deus estamos mortos: "E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados, em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência. Entre os quais todos nós também antes andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como os outros também" (Ef 2.1-3).

◘ Morte eterna

A morte eterna é a expansão e continuação da morte espiritual. Entende-se como um processo gradual. A morte física fundida à morte espiritual resulta na morte eterna. É entendida como a eterna separação de Deus. Isso se dará após o juízo final, que é o julgamento dos mortos sem Cristo. João fala dela como a "segunda morte": "Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem poder *a segunda morte*; mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele mil anos" (Ap 20.6). A primeira morte, em relação aos cristãos, é física e João a relaciona com a "primeira ressurreição". Note que João não prevê nem ensina uma "segunda ressurreição", pois o texto trata da eterna separação de Deus, logo, não se refere a um castigo conferido aos crentes.

Após o juízo final, a morte juntamente com o Hades, será lançada no Lago de Fogo: "E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras. E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo. *Esta é a segunda morte*" (Ap 20.13,14).

▼ Conclusão

O pecado é uma questão séria, e a pessoa mais bem preparada para entendê-lo em todas as suas nuances são os teólogos. É preciso confrontar a opinião dos que se propõem a pesquisá-lo de forma apenas racional, pois ainda que algumas de suas teorias tenham sentido, porém, a palavra final é a Bíblia Sagrada. O pecado, do ponto de vista teológico, propaga os seus efeitos negativos na comunhão direta do homem com Deus, colocando o homem contra o seu criador, contra ele próprio e contra os seus semelhantes. É esta a causa de tantos males e desgraças na humanidade.

O Senhor Jesus nos mostra um quadro do ser humano em que não se vê nada que o exima deste fardo pesado chamado pecado. Graças a Deus por Jesus que veio restaurar a condição anteriormente perdida pelo homem: "O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres. Enviou-me a curar os quebrantados do coração, a pregar liberdade aos cativos, e restauração da vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do Senhor" (Lc 4.18,19 cf. Is 61.1).

▼ Apêndice – A doutrina do pecado nas seitas

É importante que o aluno de teologia saiba como as seitas entendem e pregam a doutrina do pecado para os seus adeptos, pois em poder destes conhecimentos, poderá utilizar-se das ferramentas da teologia e aprender a refutá-los. É justamente neste sentido que a teologia se envolve com a apologética.

◘ Seicho-No-Ie

Dizem não existir na terra nenhum homem pecador, pois Deus jamais criou pecadores. Negam também a existência das doenças e da morte, as quais sabemos que são, na realidade, consequências do pecado. Não acreditam que a morte de Cristo tenha eficácia para perdoar pecados e chegam a afirmar a inexistência do pecado. Dizem que se o pecado existisse realmente, nem os budas todos do Universo conseguiriam extinguí-lo, nem mesmo a cruz de Jesus Cristo.

◘ Igreja Local

O líder do grupo localista, Witness Lee, identifica o pecado como Satanás. Quando o homem pecou absorveu Satanás, ou seja, ele (Satanás) habita dentro do homem. Chega ao cúmulo de afirmar que o corpo do próprio Jesus foi invadido por Satanás e sendo assim ele teria de morrer, para que tanto o homem quanto Satanás morressem. Em suma, confunde atos pecaminosos com personalidade. Pecados são atos humanos que transgridem os mandamentos divinos, já o diabo, a Bíblia o apresenta como um ser pessoal (Jó 1.6; Jo 8.44; 12.31; 1Ts 3.5; 1Jo 5.18,19; Ap 12.9-12).

◘ Espiritismo kardecista

Para este segmento, o pecado é simplesmente um mal praticado por alguém e é (o mal) até justificado como um instrumento de expiação que comprova a justiça divina, levado a cabo pelo sofrimento infligido por uma pessoa a outra e podendo ser amenizado através das reencarnações. Segundo esse pensamento, não é errado matar, roubar e praticar toda a sorte de males, visto que o malfeitor estará contribuindo para que a outra pessoa tenha suas faltas expiadas.

Islamismo

O pecado não é herdado, mas algo que o ser humano adquire ao fazer o que não deveria. Ensinam que seria o cúmulo Deus condenar a raça humana por causa de um pecado individual praticado há milhares de anos. Não há respaldo para a doutrina do pecado herdado nas palavras de Jesus e dos profetas que viveram antes dele, dizem. As boas obras suplantam as más, sendo assim Cristo não poderia vir para redimir a raça humana.

Meninos de Deus

Defendem atos imorais (sexo em várias formas) nos conceitos bíblicos, interpretando a Palavra de Deus de forma digna de ser considerada blasfêmia. Os membros desta seita praticam sexo de forma normal entre eles sem nenhum constrangimento e são incentivados à prática. É livre, nesta seita, a prática do adultério, do homossexualismo, do sexo entre crianças, sexo grupal e outras perversidades. Tudo isso não se constitui em pecado para eles.

Ciência Cristã

O homem não está perdido espiritualmente, para os adeptos da Ciência Cristã. Ele só pode se perder em sentido material. Todo pecado é da carne, assim, não pode ser espiritual. O pecado existe, aqui ou no além, apenas enquanto durar a ilusão de que haja mente na matéria. É a noção de pecado, e não uma alma pecaminosa, o que se perde. O pecado, a moléstia, tudo quanto parece real ao sentido material, é irreal na Ciência divina. O homem é incapaz de pecar, adoecer e morrer.

Judaísmo

O judaísmo não enfatiza o pecado original, mas a virtude e retidão originais. Embora no judaísmo seja reconhecido que o homem comete atos e pecado, não há o senso de que o homem é totalmente depravado e indigno, segundo se vê na teologia cristã. No judaísmo, a expiação do pecado é obtida por meio da retidão pessoal, o que inclui o arrependimento, orações e boas obras. Não havendo, assim, necessidade de um Salvador.

▼ Referências bibliográficas

- ✓THAYER, Joseph H. *Thayer's Greek – English Lexicon of the New Testament*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1984.
- ✓COENEN, Lothar & BROWN, Colin. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- ✓GRUDEM, Wayne.*Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- ✓PEARLMAN, Myer. *Conhecendo as doutrina da Bíblia*. São Paulo: Vida, 1970.
- ✓OLIVEIRA, Raimundo de. *As grandes doutrinas da Bíblia*. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.
- ✓LANGSTON, A.B. *Esboço de teologia sistemática*. Rio de Janeiro: Juerp, 1977.
- ✓STRONG, August Hopkins.*Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2003.
- ✓SEVERA, Zacarias de Aguiar. *Manual de teología sistemática*. São Paulo: A. D. Santos, 1999.
- ✓GEISLER, Norman. *Enciclopédia de apologética*. São Paulo: Vida, 2002.
- ✓ERICKSON, J Millard. *Conciso dicionário de teologia cristã*. Rio de Janeiro: Juerp, 1991.
- ✓HORTON, Stanley M. *Teologia sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.
- ✓HODGE, Charles. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001.
- ✓BÍBLIA APOLOGÉTICA. São Paulo: Instituto Cristão de Pesquisas, 2000.



www.saberefe.com
Acesse agora!